

PORTO, ESPAÇO PÚBLICO, CRÍTICAS E PROPOSTAS

1 - O DESPREZO POR QUEM JÁ APRESENTOU TRABALHO FEITO

Triste é quem não tem soluções nem pensamento próprio desdenhar do esforço de outros, Denegrir o esforço daqueles que “ao menos tentaram”. Assim aconteceu durante alguns anos com Rui Rio, que usou e abusou do nome da Porto 2001 e do seu questionável esforço de renovação do Espaço Público para ganhar votos sobre o trabalho dos outros. Trabalho difícil porque colectivo. Importante porque Público. Impossível de perfeição porque Humano. Às vezes trágico, mas outra coisa não poderia ter sido nestas condições: Portugal, Porto, Fundos finitos, tempo escasso, necessidades vastas.

Muitas praças se libertaram, muitas ruas se renovaram, Outras praças e ruas ganharam vida nova, outras perderam relva, ganhando no entanto árvores que crescerão (não é de um dia para o outro que uma árvore cresce, nunca foi e não o será por qualquer razão política ou obscura, como sabemos). Outras praças pioraram e ficaram “demasiado pedra, demasiado mineral”, pouca relva e pouco canteiro. À custa do fim destes canteiros, felizmente já é possível fazer-se o 1º de Maio em cima de praças livres (de obstáculos) . Infelizmente esta “libertação das praças do Porto 2001 levou a uma nova ocupação pelos “carrosséis de Rui Rio”. O Porto ficou melhor em 2001 e isto para mim já basta para saudarmos o Porto 2001. De qualquer forma, para quem sobreviveu à Porto 2001 e continua (continuamos) a sobreviver a Rui Rio, não emigrarei desta cidade (por enquanto),

2 - O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO DAS IDEIAS PEREGRINAS

Depois de 2001, muita água correu por baixo e por cima deste espaço tornado público e de outros agora intervencionados. Senão, vejamos:

Os aquários “transparentes” tapam o “Piolho”, estrangulando o convívio informal que espontaneamente tem vindo a tomar conta da praça de Parada Leitão. Informal, de pé e com cerveja na mão. Qualquer pessoa convive de forma simples e natural. Não era preciso vir nenhum técnico com estudos provar o seu contrário e mesmo projectar o seu contrário. Aquários sem lógica, sem sentido, totalmente descabidos na minha opinião. Ideia peregrina para esconder a falta de ideias . Parece que a Câmara “entrou” com a sensibilidade de um elefante na loja de porcelanas... e não sobrou pedra sobre pedra. Aqui se vê como a Câmara tem medo da informalidade e do espontâneo.

Assim também na Rua Galeria de Paris, logo logo depois da abertura dos primeiros bares começaram a aparecer os cartazes com o símbolo da Câmara, da Superbock e de uma série de outras entidades “colas”, “cravas” ou apenas patrocinadoras de movimentos civis e espontâneos... afinal, quem tem medo da sociedade civil?

Se os aquários de Rui Rio expulsam os “piolhosos” do Espaço Público, os “volumes leves” do mesmo Rui expulsam os comerciantes do interior do Mercado do Bom Sucesso.

Da mesma forma a presença de La Féria torna o Rivoli um espaço menos público.

Da mesma forma a presença de um carrossel gigante impediu durante 3 semanas os turistas de apreciarem os recém-restaurados azulejos da Estação de S. Bento, impediu os cidadãos de visualizar o quadro de partidas e chegadas e impediu a população em geral de se deslocar no belíssimo átrio da estação de S. Bento.

Da mesma forma outros carrosséis, outras pistas de gelo, outras roullotes de gelados, ecrãs para se ver o mundial, carrinhos de choque, e etc, etc ocupam e ocuparam praças e avenidas como se não houvesse amanhã, como se público quisesse dizer “de ninguém”, e não o contrário: “de todos”.

...Na cidade do porto, Património da Humanidade é assim o dia a dia de feira permanente e de ideias peregrinas sobre o Espaço Público com o selo de quem os Portuenses elegeram para governar a cidade. Se não nos revoltamos é porque estamos bem (ou porque já morreremos ao nível do espírito crítico).

3 - A IDEOLOGIA E O ESPAÇO PÚBLICO

O tal senhor que ganhou as eleições faz tudo para infantilizar os Portuenses. Esta Infantilização é resultado de uma visão da cidade às cegas, rural, “reaccionária”, anti-cultural, anti-popular, pseudo-populista, pseudo-anti-elitista, fácil e finalmente mercantil. São criadas zonas que retalham o espaço outrora público em múltiplas áreas de aluguer, gerando lucros vários da sua concessão. Lucro é pecado? Não e Sim. Sim, quando feito “à custa de”, prejudicando todos os que não lucrem.

4 - O DEVER DE PARTICIPARMOS, O DEVER DE USUFRUIRMOS DO ESPAÇO PÚBLICO

Temos nós, povo e povo portuense o dever - não apenas o direito, mas o dever - de usufruirmos de tudo o que pagámos com os nossos impostos. De outra forma o Estado deveria acabar enquanto tal, pois seria apenas, e cada vez mais, mais uma hierarquia a chatear. Os impostos ficam justificados a partir do momento em que a nossa participação cidadã é também o uso das ruas, praças, acontecimentos públicos, o jardim que tanto custa a manter, etc... Entrarmos nem que seja de vez em quando num autocarro, usarmos o Metro o mais possível, sempre que possível etc... Participa-se com a intervenção directa, o voto indirecto, e com o uso do espaço público. Devemos querer usar tudo a que temos direito. É um dever. Um dever também Portuense.

5 - PARA GRANDES MALES, GRANDES REMÉDIOS

O espaço público no Porto precisa de pragmatismo e simplificação.

Proponho a criação de um organismo ou gabinete técnico que se encarregue de coordenar e normalizar toda (toda) a sinalética urbana que actualmente polui e complica a nossa vida.

Que se crie um sistema bem estudado que integre sistemas, integre empresas públicas e privadas que intervêm no espaço público, um sistema que crie unidade onde existe caos.

Que se libertem os nossos passeios da miríade de postes que nos apertam aos peões contra as paredes ou contra a via automóvel.

Que se substituam postes por catenárias presas às fachadas (o mais possível, sempre que possível). Que uma fachada privada a ostentar sinalética pública não seja nem tabu nem assalto a “private propriety” - (ver exemplos na Europa civilizada).

Que se juntem várias “coisas” num único poste ou catenária ou outro sistema a inventar.

Que se fundam numa mesma unidade física e gráfica os actuais três postes que ostentam as carreiras da STCP, Maiatransportes e Resende em diversas paragens *buses*. Cada qual com o seu feitio, cor, tamanho, grafismo, juntos uns aos outros como se os passeios fossem obrigados a aguentar tudo o que queremos que levem em cima...

E uma sistematização de cores, formas e tamanhos de letreiros de vários âmbitos - local, regional, ou apenas os soltos a dizer “Lisboa” (ironia).

...O peão entalado entre a espada (automóvel) e a parede, cruzando uma corrida de obstáculos - Poste de luz, seguido de poste telefones, ao lado de caixa eléctrica no passeio, miniposte apenas com balde de lixo, depois o ecoponto, depois um outro poste com sinal de trânsito, depois um outro poste com semáforo, depois um outro poste com letreiros indicativos, depois carros em cima do passeio, depois rampas para deficientes que todos achamos justo mas que também vão para cima do peão não deficiente para libertar o r/c dos edifícios, e etc, e etc... e depois a feira ambulante do Dr. Rui Rio e os seus carrosséis em cima das praças e passeios.

Para que não digam que um texto destes “é só para dizer mal”, também tenho um elogio ao trabalho de lettering e grafismo urbano deste executivo. Gosto muito dos letreiros “giros” e verdes em letra “times new roman” tamanho “extra small” (xs), que Rui Rio tomou como uma das suas marcas de governação (“grands travaux”). Estas placas de toponímia (nomes das ruas) não possuem qualquer contraste entre cor de letra e cor do fundo, o que a juntar ao tamanho das letras consegue o efeito de - numa assentada - tornar todos os letreiros de ruas ilegíveis - mesmo para quem não usa óculos, o que não é o meu caso, que já nem distingo letras

grandes, muitas vezes (caixa de óculos).

Dr. Rui Rio, fique quieto um pouco, por favor, e para a próxima veja lá se o fazem perder as eleições.

(É que estamos a precisar de uma Câmara "Normal"..

Pedro Figueiredo